



# O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

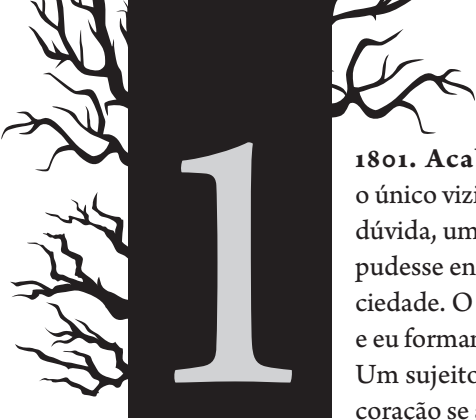
EMILY BRONTË

EMILY BRONTË

# O Morro dos Ventos Uivantes

*Tradução de*  
Sandra Martha Dolinsky





# 1

**1801. Acabo de voltar da visita ao meu senhorio** — o único vizinho que poderá me dar dor de cabeça. Esta é, sem dúvida, uma bela região! Em toda a Inglaterra, não creio que pudesse encontrar outro lugar tão afastado da agitação da sociedade. O paraíso perfeito para misantropos: o sr. Heathcliff e eu formamos uma boa dupla para partilhar esse isolamento! Um sujeito excelente! Ele não poderia imaginar como meu coração se aqueceu quando vi seus olhos negros se retirarem,

tão desconfiados, sob as sobranceiras, enquanto eu cavalgava; e quando seus dedos se abrigaram ainda mais em seu colete, enquanto eu anunciava meu nome.

— Sr. Heathcliff? — eu disse.

Um aceno foi a resposta.

— Sr. Lockwood, seu novo inquilino, senhor. Tenho a honra de visitá-lo, o mais rápido possível após minha chegada, para expressar as minhas desculpas com a esperança de não tê-lo incomodado com minha insistência em alugar a Granja da Cruz dos Tordos. Ouvi ontem que o senhor andou pensando...

— A Granja da Cruz dos Tordos é minha, senhor — interrompeu ele. — Nunca permitiria que alguém me incomodasse, se eu pudesse impedir. Entre!

Esse “entre” foi pronunciado com os dentes cerrados e expressava seu desejo: “Vá para o inferno”. Nem o portão sobre o qual ele se debruçou manifestou movimento algum de concordância com suas palavras. E creio que essa circunstância me deixou determinado a aceitar o convite. Despertou-me o interesse em um homem que parecia exageradamente mais reservado que eu.

Só quando viu o peito de meu cavalo empurrando a barreira que estendeu a mão para soltá-la, e então precedeu-me pela passagem, carrancudo, e gritou quando entramos no pátio:

— Joseph, pegue o cavalo do sr. Lockwood e traga vinho.

*Aqui está toda a criação, suponho*, foi a minha reflexão ao ouvir a dupla ordem. Não é à toa que a grama cresce entre as pedras e o gado é o único que corta a cerca-viva.

Joseph era um idoso, ou melhor, um homem velho: muito velho, talvez, embora forte e musculoso.

— Que o Senhor nos ajude! — disse em solilóquio, em um tom rabugento de desagrado, enquanto pegava meu cavalo. Mas olhava para meu rosto com tanto azedume que eu caridosamente conjecturei que ele devia precisar de ajuda divina para digerir seu jantar, e que sua piedosa exclamação não fazia nenhuma referência à minha inesperada chegada.

O Morro dos Ventos Uivantes é o nome da residência do sr. Heathcliff. “Uivantes” é um adjetivo provinciano significativo, que descreve bem o tumulto atmosférico ao qual sua posição está exposta em climas tempestuosos. De fato, eles

devem ter lá em cima ventilação pura e revigorante o tempo todo. Pela inclinação excessiva de uns abetos raquíticos no final da casa, posso adivinhar a força do vento norte soprando sobre a borda; e também por uma série de espinhos esqueléticos, todos estendendo seus membros para um lado, como se desejassem esmolas do sol. Felizmente, o arquiteto teve visão suficiente para construir a casa forte: as janelas estreitas estão profundamente encaixadas na parede e os cantos protegidos com grandes pedras protuberantes.

Antes de entrar, parei para admirar um esbanjamento de entalhes grotescos na frente, especialmente ao redor da porta principal; acima dela, em meio a um deserto de grifos em ruínas e garotinhos desavergonhados, detectei a data “1500” e o nome “Hareton Earnshaw”. Eu teria feito alguns comentários e solicitado ao rabugento proprietário uma breve história daquele lugar, mas sua atitude à porta parecia exigir minha entrada rápida, ou minha partida, e eu não desejava agravar sua impaciência antes de inspecionar o interior.

Paramos na sala de estar da família, sem nenhum saguão ou corredor. Aqui, eles a chamam, distintamente, de “casa”. Inclui cozinha e salão de recepção, geralmente; mas acredito que no Morro dos Ventos Uivantes a cozinha foi transferida completamente para outro lugar; pelo menos eu distingui um burburinho de vozes e um barulho de utensílios culinários lá no fundo. E não havia nenhum sinal de assar, ferver ou cozinhar ao redor da enorme lareira; nem o brilho de panelas de cobre e talheres de estanho nas paredes. Numa extremidade da sala, porém, a luz e o calor do fogo refletiam-se esplendidamente em filas de imensos pratos de estanho, entremeados a canecas e jarras de prata, que se erguiam, sobre um vasto aparador de carvalho, como uma torre, até o teto. Este último não tinha nenhum tipo de acabamento; toda sua anatomia ficava exposta a olhares curiosos, exceto onde uma prateleira de madeira carregada de pães de aveia, pernis de boi, carneiro e presunto o escondia. Sobre a lareira havia armas de fogo antigas, de aspecto terrível, e um par de enormes pistolas. E, como ornamento, três vasilhas espalhafatosamente pintadas, dispostas na beirada da lareira. O chão era de pedra lisa e branca; as cadeiras, de espaldar alto, pintadas de verde. Uma ou duas mais pesadas, pretas, ficavam à sombra. Dentro de um arco, sob o aparador, descansava uma enorme cadela perdigueira vermelho-escura, cercada por um monte de cachorrinhos barulhentos; e outros cães assombravam outros recintos.

A casa e a mobília não teriam nada de extraordinário se pertencessem a um fazendeiro do norte, com seu semblante teimoso e membros robustos que se destacavam em calções e polainas. Um indivíduo assim, sentado em sua poltrona, com sua caneca de cerveja espumante na mesa redonda diante dele, pode ser visto em um perímetro de nove a doze quilômetros entre essas colinas, se alguém aparecer na hora certa depois do jantar. Mas o sr. Heathcliff forma um contraste singular com sua morada e estilo de vida. É um cigano de pele escura, mas um cavalheiro no vestir e nas maneiras. Bem, tanto um cavalheiro quanto um senhor de terras. Um pouco desleixado, talvez, mas bem em sua negligência, porque tem um corpo ereto e bonito; e é bastante rabugento. É possível que algumas pessoas

suspeitem que ele tenha certo grau de orgulho de sua rusticidade. Eu tenho uma tendência compreensiva dentro de mim que me diz que não é nada disso. Eu sei, por instinto, que sua reserva brota de uma aversão a ostensivas demonstrações de sentimentos e a manifestações de gentileza mútua.

Ele deve amar e odiar igualmente disfarçado, e considerar uma espécie de impertinência ser amado ou odiado em troca. Não, estou me precipitando: concedo meus próprios atributos a ele, com excesso de liberalidade. O sr. Heathcliff pode ter motivos, totalmente diferentes dos meus, para não estender a mão a quem acaba de conhecer. Espero que minha constituição seja quase peculiar. Minha querida mãe dizia que eu nunca deveria ter um lar confortável; e só no verão passado eu provei ser perfeitamente indigno de um.

Enquanto desfrutava de um mês de tempo bom à beira-mar, fui lançado à companhia de uma criatura fascinante, uma verdadeira deusa aos meus olhos, que não me dava atenção. Eu “nunca confessei meu amor” verbalmente; mas, se os olhares têm linguagem, o mais simplório idiota poderia ter adivinhado que eu estava totalmente desesperado. Ela finalmente me entendeu e me olhou — foi o mais doce de todos os olhares imagináveis. E o que eu fiz? Confesso, com vergonha: eu me encolhi friamente dentro de mim, como um caracol; a cada olhar dela eu me afastava mais, com frieza. Até que, por fim, a pobre inocente foi levada a duvidar de seus próprios sentidos e, dominada pela confusão de seu suposto erro, persuadiu sua mãe a se retirarem. Por essa curiosa mudança de disposição, ganhei a reputação de coração empedrado; quão imerecido, só eu posso avaliar.

Sentei-me perto da lareira, do lado oposto ao qual meu senhorio avançava, e preenchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a mãe canina, que havia saído de seu berçário e se esgueirava furiosamente até a parte de trás de minhas pernas; ela curvou os lábios, e seus dentes brancos salivavam de vontade de morder. Minha carícia provocou um longo e gutural rosnado.

— É melhor deixar a cachorra em paz — rosnou o sr. Heathcliff em uníssonos, reprimindo demonstrações mais ferozes com um chute. — Ela não está acostumada a ser mimada; não é tratada como animal de estimação.

Então, dirigindo-se a uma porta lateral, ele gritou de novo:

— Joseph!

Nas profundezas do porão, Joseph murmurou indistintamente, mas não deu nenhuma indicação de subir; seu patrão, então, mergulhou até ele, deixando-me *vis-à-vis* com a cadela facínora e dois cães pastores desgrehados, que compartilhavam com ela uma zelosa tutela sobre todos os meus movimentos. Como não estava ansioso para entrar em contato com suas presas, fiquei quieto; mas, imaginando que eles não entenderiam insultos tácitos, desafortunadamente comecei a piscar e fazer caretas para o trio, e alguma mudança de minha fisionomia irritou tanto a madame que ela de repente explodiu em fúria e pulou em meus joelhos. Atirei-a para trás e corri a colocar a mesa entre nós. Esse procedimento despertou toda a colmeia: meia dúzia de demônios de quatro patas, de vários tamanhos e idades, saíram de tocas escondidas para o centro comunitário. Senti meus

calcanhares e a gola do casaco sendo alvos preferidos; e, embora conseguisse manter os combatentes maiores o mais distante que pude com o atizador, fui obrigado a pedir, em voz alta, ajuda de alguém da casa para restabelecer a paz.

O sr. Heathcliff e seu criado subiram os degraus do porão com uma fleuma vexatória; não creio que tenham se movido um segundo mais rápido que o normal, embora ocorresse na lareira uma absoluta tempestade de preocupação e ganidos. Por sorte, uma habitante da cozinha foi mais expedita; uma dama luxuriosa, com vestido arregaçado, braços nus e bochechas coradas, correu para o meio de nós brandindo uma frigideira. E usou a arma e sua língua com tal propósito, que a tempestade amainou magicamente, e ela ficou ali, agitando-se como o mar após um vento forte, quando seu patrão entrou em cena.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou ele, olhando-me de uma maneira que eu mal pude suportar depois daquele tratamento nada hospitaleiro.

— Que diabos, de fato! — murmurei. — Uma vara de porcos possuídos não poderia ter espírito pior que o desses animais, senhor. Foi como deixar um estranho com uma ninhada de tigres!

— Eles não se metem com pessoas que não tocam em nada — observou ele, colocando a garrafa em minha frente e recolocando no lugar a mesa deslocada. — Cães devem estar vigilantes. Toma uma taça de vinho?

— Não, obrigado.

— Não foi mordido, não é?

— Se houvesse sido, teria marcado o animal com meu sinete.

O semblante de Heathcliff relaxou em um sorriso.

— Ora, vamos — disse ele —, está nervoso, sr. Lockwood. Tome um pouco de vinho. Visitas são tão raras nesta casa que eu e meus cães, confesso, mal sabemos como recebê-las. À sua saúde, senhor!

Eu me curvei e devolvi o brinde, começando a perceber que seria tolice ficar mal-humorado pelo mau comportamento de um bando de vira-latas; além disso, eu relutava a dar ao sujeito mais diversão à minha custa, dado que seu humor tomou outro rumo. Provavelmente, influenciado pela análise prudencial da loucura que seria ofender um bom inquilino, ele relaxou um pouco no estilo lacônico de cortar seus pronomes e verbos auxiliares e apresentou o que supôs ser um assunto de meu interesse: um discurso sobre as vantagens e desvantagens do meu local de retiro. Considerei-o muito inteligente nos assuntos que tocamos; e, antes de ir para casa, fui encorajado a lhe fazer outra visita voluntária no dia seguinte. Mas ficou evidente que ele não desejava que minha intrusão se repetisse. Eu irei, apesar de tudo. É surpreendente como me sinto sociável em comparação a ele.



# 2

**A tarde de ontem foi nublada e fria. Eu estava quase** convencido a ficar em casa perto da lareira de meu escritório, em vez de atravessar a charneca e a lama até o Morro dos Ventos Uivantes. Ao terminar o almoço — eu almoço entre meio-dia e uma hora; a governanta, uma matrona herdada como um acessório junto com a casa, não pôde ou não quis compreender meu pedido de ser servido às cinco —, subindo as escadas com essa preguiçosa intenção, entrei na sala e

vi uma criada de joelhos, cercada de escovas e baldes de carvão, levantando uma poeira infernal enquanto apagava as chamas com montes de cinzas. Esse espetáculo me fez voltar imediatamente. Peguei meu chapéu e, depois de uma caminhada de seis quilômetros, cheguei ao portão do jardim de Heathcliff bem a tempo de escapar dos primeiros flocos de uma nevasca.

Naquele cume desolado, a terra estava dura devido a uma geada negra, e o ar fez meu corpo arrepiar. Como não consegui retirar a corrente, pulei e, correndo pela passagem elevada pavimentada, cercada por esparsos arbustos de groselha, bati em vão à porta, até meus dedos formigarem e os cães começarem a uivar.

*Maldito ermitão!*, praguejei mentalmente. *Você merece o isolamento perpétuo de sua espécie por sua grosseira falta de hospitalidade. Eu não manteria minhas portas trancadas durante o dia. Não importa... Vou entrar!*

Decidido, peguei a maçaneta e a chacoalhei com veemência. Joseph, com cara azeda, projetou a cabeça por uma janela redonda do celeiro.

— O que você quer? — gritou. — O patrão está no curral. Contorne o celeiro se quiser falar com ele.

— Não há ninguém dentro para abrir a porta? — gritei, contrariado.

— Só a patroa; e ela não vai abrir se não parar com esse escândalo.

— Por quê? Não pode dizer a ela quem eu sou, Joseph?

— Eu não! Não tenho nada com isso — murmurou ele, e desapareceu.

A neve começou a engrossar. Peguei a maçaneta para tentar outra vez; foi quando apareceu no pátio um jovem sem casaco carregando um forcado no ombro. Chamou-me para segui-lo e, depois de atravessar uma lavanderia e uma área pavimentada contendo um galpão de carvão, uma bomba e um pombo, finalmente chegamos à casa enorme, quente e alegre onde eu havia sido anteriormente recebido. Ela brilhava deliciosamente sob o esplendor de um fogo imenso, composto de carvão, turfa e madeira; e perto da mesa, posta para uma farta refeição noturna, tive o prazer de observar a “patroa”, uma pessoa de cuja existência eu jamais havia suspeitado. Curvei-me e esperei, imaginando que ela me mandaria sentar. Ela me fitou, recostada na cadeira, e permaneceu imóvel e muda.

— Que tempo ruim! — comentei. — Receio, sra. Heathcliff, que a porta deva sofrer as consequências da tranquilidade de seus criados; tive muito trabalho para fazê-los me ouvirem.

Ela não abriu a boca. Eu a fitei; ela também me fitou. Manteve os olhos em mim de uma maneira fria, indiferente, extremamente embaraçosa e desagradável.

— Sente-se — disse o jovem rispidamente. — Ele chegará em breve.

Obedeci; pigarreei e chamei a vilã Juno, que se dignou, nessa segunda oportunidade, a mexer a ponta do rabo em sinal de me reconhecer.

— Belo animal! — disse eu. — Pretende se desfazer dos pequenos, madame?

— Não são meus — disse a amável anfitriã, com mais repugnância que o próprio Heathcliff.

— Ah! São esses seus favoritos? — prossegui, voltando-me para uma obscura almofada cheia de algo parecido com gatos.

— Que estranha escolha seria! — comentou ela, com desdém.

Infelizmente, era um monte de coelhos mortos. Pigarreei mais uma vez e fui até a lareira, repetindo meu comentário sobre a selvageria do clima.

— Você não deveria ter saído — disse ela, levantando-se para pegar, no console da lareira, duas latas pintadas.

Antes, sua posição estava protegida da luz; agora, eu tinha uma visão distinta de todo seu corpo e semblante. Era esbelta e, aparentemente, mal passara da adolescência; um corpo admirável e o rostinho mais primoroso que já tive o prazer de contemplar. Feições pequenas, muito claras; cachos cor de linho, ou melhor, dourados, soltos sobre seu pescoço delicado; e os olhos, se tivessem uma expressão agradável, seriam irresistíveis. Felizmente, para meu coração suscetível, o único sentimento que eles evidenciavam pairava entre o desprezo e uma espécie de desespero, singularmente antinatural de ser detectado ali. As latas estavam quase fora de seu alcance; fiz um movimento para ajudá-la. Ela se voltou para mim como um avaro para alguém que tentasse ajudá-lo a contar seu ouro.

— Não quero sua ajuda — retrucou ela. — Eu mesma posso pegar.

— Perdão! — respondi depressa.

— Você foi convidado para o chá? — perguntou ela, amarrando um avental sobre seu bem-cuidado vestido preto, parando com uma colher cheia de folhas sobre a chaleira.

— Será um prazer tomar uma xícara — respondi.

— Você foi convidado? — repetiu ela.

— Não — respondi, com um meio sorriso. — Você é a pessoa certa para me convidar.

Ela jogou o chá de volta no pote, com colher e tudo, e voltou a se sentar, mal-humorada; com a testa enrugada e o lábio inferior para fora, como uma criança que vai chorar.



Enquanto isso, o jovem jogou sobre si uma jaqueta decididamente surrada e, erguendo-se diante das chamas, olhou para mim como se houvesse uma contenda mortal não resolvida entre nós. Comecei a questionar se ele era um criado ou não; sua vestimenta e fala eram rudes, totalmente desprovidas da observável superioridade do sr. e da sra. Heathcliff; seus grossos cachos castanhos eram ásperos e desgrenhados, seus bigodes invadiam suas bochechas, e suas mãos eram morenas como as de um trabalhador comum; mas seu porte era livre, quase altivo, e ele não mostrava a assiduidade de um criado em atender à senhora da casa. Na ausência de provas claras de seu status, julguei melhor abster-me de comentar sua curiosa conduta; e cinco minutos depois, a entrada de Heathcliff me aliviou, em certa medida, de meu estado desconfortável.

— Eu vim, senhor, conforme prometi! — exclamei, assumindo o papel de alegre. — E receio que ficarei preso aqui por meia hora devido ao tempo. Se puder me dar abrigo durante esse período...

— Meia hora? — disse ele, sacudindo os flocos brancos de suas roupas. — Eu me pergunto por que escolheu passear durante uma tempestade de neve. Sabia que corre o risco de se perder nas charnecas? Pessoas familiarizadas com essas charnecas muitas vezes não veem a estrada em noites assim; e posso lhe dizer que não há chance de mudança, por enquanto.

— Talvez eu consiga um guia entre seus rapazes, ele poderia ficar na Granja da Cruz dos Tordos até de manhã. Poderia me emprestar alguém?

— Não.

— Ah... Então, terei que confiar na minha própria sagacidade.

— Hunf!

— Vai fazer o chá? — perguntou ao rapaz de casaco surrado, desviando seu olhar feroz de mim para a jovem.

— Ele vai tomar? — perguntou ela a Heathcliff.

— Prepare o chá, por favor — foi a resposta, proferida com tanta selvageria que me assustei.

O tom em que essas palavras foram ditas revelava uma natureza genuinamente ruim. Eu já não me sentia inclinado a chamar Heathcliff de sujeito excelente. Quando os preparativos terminaram, ele me convidou, dizendo:

— Senhor, traga sua cadeira.

E todos nós, inclusive o jovem rústico, nos reunimos em volta da mesa. Imperava um silêncio austero durante a refeição.

Pensei que, se eu havia causado aquela nuvem negra, era meu dever fazer um esforço para dissipá-la. Não era possível que se sentassem à mesa todos os dias tão sombrios e taciturnos; e era impossível, por mais mal-humorados que fossem, que a carranca universal que usavam fosse seu semblante cotidiano.

— É estranho — disse eu, no intervalo entre tomar uma xícara de chá e receber outra. — É estranho como o costume pode moldar nossos gostos e ideias; muitos não poderiam imaginar a existência de felicidade em uma vida de tão completo exílio do mundo como a sua, sr. Heathcliff; ainda assim, arrisco-me a dizer que, cercado por sua família e com sua amável senhora como o gênio que preside sua casa e seu coração...

— Minha amável senhora! — interrompeu ele com um sorriso quase diabólico no rosto. — Onde está minha amável senhora?

— A sra. Heathcliff, sua esposa, quero dizer.

— Ah, sim. E você sugere que o espírito dela assumiu o posto de anjo da guarda que protege a sorte do Morro dos Ventos Uivantes, mesmo depois que seu corpo se foi. É isso?

Ao perceber meu erro, tentei corrigi-lo. Eu poderia ter visto que havia uma disparidade muito grande entre a idade deles para tornar provável que fossem marido e mulher. Um tinha cerca de quarenta anos, um período de vigor mental em que os homens raramente alimentam a ilusão de se casar com meninas por amor; esse sonho é reservado para o consolo de nossos anos de declínio. A outra não parecia ter nem dezessete.

Então me ocorreu... *O palhaço ao meu lado, que está bebendo seu chá de uma bacia e comendo seu pão sem lavar as mãos, pode ser o marido dela: Heathcliff Júnior, é claro. Eis aqui a consequência de ser enterrada viva: ela se jogou sobre aquele caipira por pura ignorância de que indivíduos melhores existiam! Uma pena. Tenho que tomar cuidado para não ser a causa de ela se arrepender de sua escolha.* Essa última reflexão pode parecer presunçosa, mas não foi. Minha vizinha me pareceu quase repulsiva e eu sabia, por experiência, que eu era razoavelmente atraente.

— A sra. Heathcliff é minha nora — disse Heathcliff, corroborando minha suposição.

Enquanto falava, ele voltou um olhar peculiar em direção a ela: um olhar de ódio. A menos que ele tenha músculos faciais pervertidos que, como os de outras pessoas, não deixam ver a linguagem de sua alma.

— Ah, por certo! Agora vejo: você é o favorecido possuidor da fada benevolente — comentei, voltando-me para meu jovem vizinho.

Isso foi pior do que antes; o jovem ficou vermelho e apertou os punhos, aparentando planejar um ataque. Mas logo se recompôs e sufocou a tempestade com uma maldição brutal, murmurada contra mim. No entanto, tive o cuidado de fingir não notar.

— Infeliz em suas conjecturas, senhor — observou meu anfitrião. — Nenhum de nós tem o privilégio de possuir a boa fada; o companheiro dela está morto. Eu disse que ela era minha nora; portanto, deve ter se casado com meu filho.

— E esse jovem...

— Não é meu filho, com certeza.

Heathcliff sorriu de novo, como se fosse uma brincadeira ousada demais atribuir-lhe a paternidade daquele urso.

— Meu nome é Hareton Earnshaw — rosnou o outro —, e eu o aconselho a respeitá-lo!

— Não o desrespeitei — foi minha resposta, rindo internamente da dignidade com que ele se apresentou.

Ele fixou o olhar em mim por mais tempo do que eu gostaria de retribuir, com medo de me sentir tentado a dar um tapa em suas orelhas ou tornar minha hilaridade audível. Comecei a me sentir inconfundivelmente deslocado naquele agradável círculo familiar. A sombria atmosfera espiritual superava, e mais que neutralizava, o resplandecente conforto físico ao meu redor; e resolvi tomar mais cuidado antes de me aventurar pela terceira vez sob aquele teto.

Terminado o chá, como ninguém proferia uma palavra de conversa sociável, fui até uma janela para observar o tempo. Tive uma visão dolorosa: a noite escura caía prematuramente, o céu e as colinas se misturavam em um amargo turbilhão de vento e neve sufocante.

— Não creio que seja possível chegar à minha casa agora sem guia — não pude deixar de exclamar. — As estradas já devem estar soterradas; e, mesmo que não estivessem, eu mal conseguiria enxergar trinta centímetros à frente.

— Hareton, leve aquela dúzia de ovelhas para o alpendre do celeiro. Ficarão cobertas de neve se deixadas no curral a noite toda. E coloque uma tábua na frente delas — disse Heathcliff.

— Como devo fazer? — prossegui, ficando irritado.

Não houve resposta à minha pergunta; olhando em volta, vi apenas Joseph carregando um balde de mingau para os cachorros, e a sra. Heathcliff, recostada perto do fogo, divertindo-se acendendo um punhado de fósforos que haviam caído do console quando ela devolvera a lata de chá ao seu lugar. Depois de depositar seu fardo, Joseph fez uma inspeção crítica da sala e, em tom rouco, rosnou:

— Como pode ficar nessa ociosidade vendo que todos os outros saíram? Mas não adianta falar, quem é mau já nasce torto e acaba no inferno, igualzinho à mãe!

Imaginei, por um momento, que essa eloquência era dirigida a mim; e, bastante enfurecido, dei um passo em direção ao velhaco com a intenção de chutá-lo porta afora. Mas a sra. Heathcliff me esclareceu com sua resposta:

— Seu velho hipócrita escandaloso! — respondeu ela. — Não tem medo de que o Diabo o carregue, de tanto falar no inferno? Eu o advirto para não me provocar ou pedirei para que o leve como um favor especial! Pare! Olhe aqui, Joseph — prossegui ela, pegando um livro comprido e escuro de uma prateleira. — Vou lhe mostrar quanto progredi na Arte Negra: em breve, serei competente para limpar esta casa. A vaca vermelha não morreu por acaso; e seu reumatismo não pode ser atribuído a visitas providenciais!

— Oh, perversa! Malvada! — arquejou Joseph. — Que o Senhor nos livre do mal!

— Não, réprobo! Você é um pária; vá embora ou vou machucá-lo de verdade! Vou modelar todos vocês em cera e argila! E o primeiro que ultrapassar os limites que eu fixar irá... Não direi o que irá acontecer, mas você verá! Vá, estou de olho em você!

A bruxinha colocou uma malignidade fingida em seus lindos olhos e Joseph, tremendo de horror sincero, saiu correndo, rezando e exclamando “malvada”. Imaginei que a conduta dela devia ser motivada por um estranho senso de humor; e agora que estávamos sozinhos, tentei despertar-lhe interesse por minha angústia.

— Sra. Heathcliff — disse eu, com seriedade —, desculpe incomodá-la. Presumo que, apesar de suas feições, você não pode deixar de ter um bom coração. Indique alguns pontos de referência para eu saber o caminho de casa; não tenho mais ideia de como chegar lá do que você teria de como chegar a Londres!

— Pegue a estrada pela qual veio — respondeu ela, acomodando-se em uma cadeira com uma vela na mão e o longo livro aberto à sua frente. — É um conselho breve, mas o mais sensato que posso lhe dar.

— Sendo assim, se ouvir dizer que fui encontrado morto na charneca ou em um poço cheio de neve, sua consciência não vai sussurrar que isso seria, em parte, culpa sua?

— Como assim? Não posso acompanhá-lo. Eles não me deixariam nem chegar ao final do muro do jardim.

— Você!? Eu não lhe pediria que saísse pela porta em uma noite dessas para minha conveniência — gritei. — Quero que me diga o caminho, não que me mostre. Ou, então, convença o sr. Heathcliff a me dar um guia.

— Quem? Há ele mesmo, Earnshaw, Zillah, Joseph e eu. Qual você quer?

— Não há garotos na fazenda?

— Não. Só nós.

— Assim sendo, parece que serei obrigado a ficar.

— Combine isso com seu anfitrião. Não tenho nada a ver com isso.

— Espero que lhe sirva de lição para não fazer viagens precipitadas nestas colinas — gritou a voz severa de Heathcliff da entrada da cozinha. — Quanto a ficar aqui, não tenho acomodações para visitas. Terá que dividir a cama com Hareton ou Joseph, se quiser.

— Posso dormir em uma cadeira nesta sala — respondi.

— Não, não! Um estranho é um estranho, seja ele rico ou pobre. Não me convém permitir que ninguém tenha acesso a casa enquanto estou desprevenido! — disse o miserável mal-educado.

Com esse insulto, minha paciência chegou ao fim. Fiz uma expressão de repugnância e passei por ele, indo para o pátio; na pressa, trombei com Earnshaw. Estava tão escuro que eu não conseguia ver por onde sair. E, enquanto perambulava,

ouvi outra interação “civilizada” entre eles. A princípio, o jovem parecia disposto a ser amigável.

— Vou com ele até o parque — disse.

— Você vai com ele para o inferno! — exclamou seu patrão, ou seja lá o que fosse. — E quem vai cuidar dos cavalos, hein?

— A vida de um homem é mais importante que uma noite de negligência com os cavalos. Alguém tem que ir — murmurou a sra. Heathcliff, mais gentilmente do que eu esperava.

— Não sob suas ordens! — retorquiu Hareton. — Se você se preocupa com ele, é melhor ficar quieta.

— Pois espero que o fantasma dele o assombre; e espero que o sr. Heathcliff nunca mais consiga outro inquilino, até que a Granja esteja em ruínas — respondeu ela bruscamente.

— Ouça, ouça, ela os está amaldiçoando! — murmurou Joseph, a quem eu me dirigia.

Ele estava sentado ordenhando as vacas à luz de uma lamparina, que peguei sem a menor cerimônia; gritando que a devolveria no dia seguinte, corri para a porta mais próxima.

— Patrão, patrão, ele está roubando a lamparina! — gritou o ancião, perseguindo-me. — Gnasher! Ei, cachorro! Wolf, peguem-no, peguem-no!

Ao abrir a portinhola, dois monstros peludos voaram em minha garganta, derubando-me e apagando a luz; enquanto isso, as gargalhadas de Heathcliff e Hareton colocavam a derradeira pedra sobre minha raiva e humilhação. Por sorte, as feras pareciam mais dispostas a esticar as patas, bocejar e balançar o rabo do que a me devorar vivo; mas não permitiam que eu me levantasse, e fui forçado a ficar ali até que seus mestres malignos quisessem me libertar. Então, sem chapéu e tremendo de ira, ordenei àqueles canalhas que me deixassem sair, proferindo várias ameaças incoerentes de retaliação que, com sua indefinida profundidade de virulência, faziam lembrar o rei Lear.

A veemência de minha agitação provocou um copioso sangramento em meu nariz; Heathcliff ainda ria e eu ainda o repreendia. Não sei como teria concluído a cena, se não houvesse uma pessoa mais racional que eu e mais benevolente que os outros dois. Era Zillah, a robusta governanta, que por fim saía para investigar a natureza do tumulto. Ela pensou que estavam colocando suas mãos violentas em mim e, não se atrevendo a atacar seu patrão, voltou sua artilharia vocal contra o canalha mais jovem.

— Muito bem, sr. Earnshaw — exclamou —, o que está fazendo? Vamos matar pessoas à porta de nossa casa agora? Vejo que esta casa nunca servirá para mim. Olhe para o pobre rapaz, está sufocando! Fique quieto, você não pode ir embora assim. Entre, vou curar isso; pronto, fique quieto.

De repente, ela jogou uma caneca de água gelada em meu pescoço e me puxou para a cozinha. O sr. Heathcliff a seguiu; sua incidental alegria expirou rapidamente e ele voltou à sua habitual morosidade.

Eu estava enjoado, tonto, quase desfalecido; assim, fui compelido a aceitar alojamento sob seu teto. Ele mandou Zillah me dar um copo de conhaque e foi para o quarto interno. Enquanto ela se condoía por minha triste situação, obedeceu às ordens dele — o que me fez reviver um pouco —, e depois me conduziu à cama.



# 3

**Enquanto me levava para o andar de cima, ela recomendou que eu escondesse a vela e não fizesse barulho, pois seu patrão tinha um conceito estranho sobre o quarto no qual ela me colocaria e nunca deixava ninguém se hospedar lá. Perguntei o motivo. Ela não sabia, respondeu. Morava ali havia menos de dois anos e tantas coisas estranhas aconteciam que era melhor não tentar descobrir.**

Estupefato demais para ser curioso, tranquei a porta e olhei em volta procurando a cama. Toda a mobília consistia em uma poltrona, um guarda-roupa e um grande armário de carvalho com recortes quadrados perto do topo que lembravam janelas de carruagem. Tendo me aproximado dessa estrutura, olhei dentro e percebi que era um tipo singular de sofá antiquado, muito convenientemente projetado para evitar a necessidade de cada membro da família ter um quarto para si. Na verdade, formava um pequeno armário, e o peitoril de uma janela, que fechava, servia de mesa.

Abri os painéis laterais, entrei com minha vela, fechei-os de novo e me senti seguro contra a vigilância de Heathcliff e de todos os outros.

No peitoril, onde coloquei minha vela, havia alguns livros mofados em um canto; e a pintura estava riscada com palavras. O que estava escrito era nada mais que um nome repetido em todos os tipos de caracteres, grandes e pequenos: “Catherine Earnshaw”, aqui e ali, variando para “Catherine Heathcliff”, e depois para “Catherine Linton”.

Tomado pela letargia, encostei a cabeça na janela e fiquei repetindo Catherine Earnshaw... Heathcliff... Linton... Até meus olhos se fecharem; mas não havia descansado nem cinco minutos quando um clarão de letras brancas surgiu no escuro, vívido como espectros. O ar estava cheio de Catherines. E despertando para dissipar o nome intrusivo, vi minha vela reclinada sobre um dos livros antigos, perfumando o ar com um odor de couro de bezerro torrado.

Apaguei-a e, muito pouco à vontade sob a influência do frio e da náusea persistente, sentei-me e abri o livro ferido sobre os joelhos. Era um Testamento, em letras finas, cheirando terrivelmente a mofo. Na contracapa, via-se a inscrição: “Este livro pertence a Catherine Earnshaw”, e uma data de um quarto de século atrás.

Fechei-o e peguei outro, e outro, até examinar todos. A biblioteca de Catherine era seleta, e seu estado mostrava que havia sido bem usada, mas não totalmente para um propósito legítimo: mal escapava um capítulo sem um comentário — era o que parecia — a caneta e tinta cobrindo cada pedaço em branco que a prensa deixara. Alguns eram frases isoladas; em outras partes, tomavam a forma de um diário comum rabiscado com uma caligrafia informe e infantil. No topo de uma página extra (um grande tesouro, provavelmente, quando fora encontrada), foi divertido ver uma excelente caricatura de meu amigo Joseph — grosseiramente, mas

muito bem esboçada. Um interesse imediato se acendeu em mim pela desconhecida Catherine, e comecei a tentar decifrar seus hieróglifos desbotados.

“Um domingo horrível”, começava o parágrafo abaixo.

Queria que meu pai voltasse. Hindley é um substituto detestável; sua conduta em relação a Heathcliff é cruel — H. e eu vamos nos rebelar; demos nosso primeiro passo esta noite.

O dia inteiro foi inundado de chuva; não pudemos ir à igreja, por isso Joseph teve que reunir uma congregação no sótão; e enquanto Hindley e sua esposa se aqueciam confortavelmente no andar de baixo, diante da lareira — fazendo qualquer coisa, menos lendo a Bíblia, aposto —, Heathcliff, eu e o infeliz garoto do arado tivemos que pegar nossos livros de oração e subir. Sentamo-nos enfileirados em um saco de milho, gemendo e tremendo — torcendo para que Joseph também tremesse —, para que não demorasse muito com o sermão. Que ideia vã! Durou exatamente três horas; e, ainda assim, meu irmão teve a coragem de exclamar quando nos viu descendo: “Já?”. Antes, nas noites de domingo, nós tínhamos permissão para brincar se não fizessemos muito barulho; agora, uma mera risadinha é suficiente para nos mandar para o canto de castigo.

— Vocês esquecem que há um patrão aqui — disse o tirano. — Vou acabar com o primeiro que me irritar! Insisto na sobriedade e no silêncio perfeitos. Oh, meu Deus, foi você? Frances, querida, puxe o cabelo dele quando passar; eu o ouvi estalar os dedos.

Frances puxou o cabelo dele com vontade, depois foi se sentar no colo do marido, e lá estavam eles, como dois bebês, beijando-se e falando bobagens — palavras tolas das quais nos envergonharíamos. Nós nos acomodamos no arco do aparador como conseguíamos. Eu havia acabado de prender nossos aventais como cortinas, quando Joseph chegou dos estábulos. Derrubou minha obra, deu-me um tapa no ouvido e resmungou:

— O patrão acabou de ser enterrado, o dia de descanso e adoração não acabou, o som do Evangelho ainda está em seus ouvidos, e vocês ousam se divertir? Que vergonha! Sentem-se, crianças más! Há livros bons para lerem; sentem-se e pensem em suas almas!

Dizendo isso, ele nos obrigou a sentar eretos para que recebêssemos um pouco de luz do fogo longínquo para que ele pudesse nos mostrar o texto dos livros que jogou em nós. Eu não pude suportar aquilo. Peguei meu livro encardido pela capa e o joguei no canil, jurando odiar um bom livro. Heathcliff chutou o dele para o mesmo lugar. Então, começou o burburinho!

— Mestre Hindley! — gritou nosso capelão. — Patrão, venha cá! A srta. Cathy rasgou a capa do *Elmo da Salvação*, e Heathcliff pisou na primeira parte de *O caminho para a destruição*! É terrível que os deixe impunes. O velho patrão lhes daria uma surra, mas ele morreu!

Hindley saiu apressado de seu paraíso perto da lareira e, agarrando um de nós pelo colarinho e o outro pelo braço, arremessou os dois na cozinha dos fundos; onde, asseverou Joseph, “o velho Nick nos pegaria, tão certo como o fato de estarmos vivos”. E assim



confortados, cada um de nós procurou um canto separado para aguardar o advento do velho Nick. Consegui pegar este livro e um pote de tinta de uma prateleira e entreabri a porta da casa para me iluminar, e tenho vinte minutos para escrever; mas meu companheiro está impaciente e propõe que nos apropriemos do manto da leiteira e corramos pelas charnecas, abrigados. É uma sugestão interessante... E, assim, se o velho mal-humorado entrar, acreditará que sua profecia foi confirmada... Não ficaríamos mais molhados ou gelados na chuva do que aqui.

Suponho que Catherine tenha cumprido seu projeto, pois a frase seguinte abordava outro assunto; ela toda lacrimosa.

Nunca sonhei que Hindley me faria chorar tanto! Minha cabeça dói a ponto de não conseguir mais mantê-la no travesseiro; e não posso desistir. Pobre Heathcliff! Hindley o chamou de vagabundo e não o deixa mais se sentar nem comer conosco; disse que ele e eu não podemos brincar juntos, e ainda ameaçou expulsá-lo de casa se desobedecermos às suas ordens. Culpou nosso pai (como se atreve?) por tratar H. com liberalidade excessiva; e jurou que vai colocá-lo em seu devido lugar.

Comecei a cochilar, sonolento, sobre a página escura. Meus olhos vagaram do manuscrito para a parte impressa. Vi um título ornamentado em vermelho: *Setenta vezes sete, e o septuagésimo primeiro — um discurso piedoso proferido pelo reverendo Jabez Branderham na capela de Gimmerden Sough*. E enquanto eu tentava, semiconsciente, adivinhar o que Jabez Branderham teria a dizer sobre esse assunto, afundei na cama e adormeci. Dormi mal, pelos efeitos do chá ruim e do mau humor! O que mais poderia me ter feito passar uma noite tão terrível? Não me lembro de outra que possa comparar com esta desde que passei a ter a capacidade de sofrer.

Comecei a sonhar quase antes de deixar de ter consciência de onde estava. Achei que tinha amanhecido; e eu estava a caminho de casa, com Joseph como guia. Metros de neve cobriam a estrada e, enquanto cambaleávamos, meu companheiro me cansava com constantes recriminações por eu não ter levado um cajado de peregrino; dizia que eu nunca conseguiria voltar para casa sem um, e exibia orgulhosamente um cajado de cabeça pesada, que eu entendi ser assim denominado. Por um momento, considerei um absurdo precisar de tal arma para ser admitido em minha própria residência. Então, um pensamento me ocorreu. Eu não estava indo para lá: estávamos viajando para ouvir o famoso Jabez Branderham pregar o texto *Setenta vezes sete*; e um dos três — Joseph, o pregador ou eu — havia cometido o “primeiro do septuagésimo primeiro” e deveríamos ser expostos publicamente e excomungados.

Chegamos à capela. Na realidade, eu havia passado por ela duas ou três vezes em minhas caminhadas; fica em um vale entre duas colinas — um vale elevado —,

perto de um pântano, cuja turfa úmida, dizem, serve para embalsamar os poucos cadáveres depositados ali. O telhado se mantém inteiro até agora; mas, como o salário de um clérigo é de apenas vinte libras por ano, mais uma casa com dois quartos — que ameaçam transformar em uma de um só —, nenhum clérigo assumirá os deveres de pastor; especialmente porque é sabido que seu rebanho preferiria deixá-lo passar fome a aumentar sua receita, em um centavo que seja, de seu próprio bolso. Mas, em meu sonho, Jabez tinha uma congregação grande e atenta; e ele pregou, meu bom Deus, que sermão! Dividido em quatrocentas e noventa partes, cada uma totalmente igual a um discurso comum, e cada uma discutindo um pecado separadamente! Onde ele encontrara tantos assim, não sei dizer. Ele tinha sua maneira particular de interpretar as frases, e parecia necessário que o irmão cometesse pecados diferentes em cada ocasião. Eram de todo o tipo: transgressões curiosas que eu nunca havia imaginado.

Ah, como estava cansado! Como me contorcia, bocejava, balançava a cabeça e despertava! Eu me beliscava e me espetava, esfregava os olhos, me levantava e voltava a sentar, e cutucava Joseph para saber se aquilo *algum dia* acabaria. Eu estava condenado a ouvir tudo. Finalmente, ele chegou ao “primeiro do septuagésimo primeiro”. Nessa crise, uma inspiração repentina desceu sobre mim; levantei-me e denunciei Jabez Branderham como o culpado pelo pecado que nenhum cristão precisa perdoar.

— Senhor — exclamei —, sentado aqui entre estas quatro paredes, sem interrupção, suportei e perdoei as quatrocentas e noventa cabeças de seu sermão. Setenta vezes sete vezes peguei meu chapéu e quase fui embora; setenta vezes sete vezes você me obrigou absurdamente a voltar ao meu lugar. O quadringentésimo nonagésimo primeiro é demais. Companheiros mártires, acabem com ele! Arrastem-no para fora do púlpito e esmaguem-no até transformá-lo em átomos, para que suma para sempre!

— VOCÊ É O HOMEM! — clamou Jabez, depois de uma pausa solene, inclinando-se sobre o púlpito. — Setenta vezes sete vezes contorceste teu rosto boquiaberto; setenta vezes sete vezes consultei minha alma... Eis que isso é fraqueza humana: isso também pode ser absolvido! Chegamos ao primeiro do septuagésimo primeiro. Irmãos, executem o julgamento a ele prescrito. Honrai todos os santos do Senhor!

Com essas palavras, toda a assembleia correu em volta de mim, exaltando seus bastões de peregrino, todos ao mesmo tempo; e eu, sem nenhuma arma para me defender, comecei a lutar com Joseph, meu agressor mais próximo e feroz, na tentativa de pegar o bastão dele. Na confluência da multidão, vários bastões se cruzaram; golpes dirigidos a mim caíram em outras cabeças. Logo, por toda a capela ecoavam pancadas e revides; cada homem se voltava contra seu vizinho; e Branderham, não querendo ficar ocioso, derramava seu zelo em

uma chuva de pancadas fortes nas tábuas do púlpito, que responderam tão bem que, finalmente, para meu alívio, me acordaram. E o que sugeria esse incrível tumulto? O que representou o papel de Jabez na briga? Apenas o galho de um pinheiro que tocava minha janela, por conta do vento, e batia suas pinhas secas contra as vidraças! Escutei, hesitante, por um instante; e, ao detectar o que me perturbava, virei e cochilei, sonhando de novo — um sonho ainda mais desagradável do que o anterior.

Dessa vez, lembrava que estava deitado no móvel de carvalho, e ouvia distintamente o vento tempestuoso e a neve que caía. Também ouvia o galho do pinheiro repetir seu som de provocação, e sabia de onde vinha o barulho. Mas me incomodava tanto que resolvi silenciá-lo; pensei, levantei-me e me esforcei para abrir o caixilho da janela. Mas o gancho estava soldado: detalhe que eu observara quando acordado, mas esquecera. “Preciso fazer isso parar!”, murmurei, quebrando o vidro com o punho e esticando o braço para pegar o galho importuno. Em vez disso, meus dedos se fecharam nos dedos de uma pequena mão gelada! O horror intenso do pesadelo tomou conta de mim. Tentei puxar meu braço de volta, mas a mão se agarrou a ele e uma voz melancólica soluçou:

— Deixe-me entrar! Deixe-me entrar!

— Quem é você? — perguntei, ainda lutando para me desvencilhar.

— Catherine Linton — respondeu a voz, trêmula (por que pensei em *Linton*? Eu havia lido *Earnshaw* vinte vezes a cada *Linton*). — Voltei para casa; havia me perdido na charneca!

Enquanto a voz falava, percebi, obscuramente, o rosto de uma criança olhando pela janela. O terror tornou-me cruel, e julgando inútil tentar sacudir a criatura, puxei seu pulso para a vidraça quebrada e o esfreguei de um lado para o outro, até o sangue escorrer e encharcar as roupas de cama. Ela ainda gemia:

— Deixe-me entrar! — E mantinha sua garra tenaz em mim, quase me enlouquecendo de medo.

— Como? — perguntei. — Solte-me se quiser que a deixe entrar!

Os dedos relaxaram; puxei minha mão pelo buraco, empilhei apressadamente os livros em forma de pirâmide e tapei os ouvidos para não ouvir o lamento.

Acho que mantive os ouvidos tampados por mais de quinze minutos; mas, no instante em que os destampeei, ouvi o choro triste!

— Vá embora! — gritei. — Nunca vou deixá-la entrar, nem que implore durante vinte anos.

— Já se passaram vinte anos — lamentou a voz. — Vinte anos. Estou abandonada há vinte anos!

Comecei a ouvi-la arranhar levemente a vidraça do lado de fora, e a pilha de livros se deslocou como se houvesse sido empurrada para a frente.

Tentei pular, mas não conseguia me mexer. Então gritei, tomado pelo medo.

Para minha confusão, descobri que o grito não havia sido o ideal. Passos apressados se aproximavam da porta de meu quarto e alguém a abriu com força, e uma luz brilhou através dos quadrados recortados na parte de cima da cama. Sentei-me, ainda trêmulo e enxugando o suor da testa. O intruso pareceu hesitar e murmurou algo para si mesmo.

Por fim, sussurrou, claramente não esperando uma resposta:

— Tem alguém aí?

Achei melhor confessar minha presença, pois reconheci o sotaque de Heathcliff e temi que ele continuasse a busca se eu ficasse quieto.

Com essa intenção, abri os painéis da porta. Não esquecerei tão cedo o efeito que minha ação produziu.

Heathcliff estava parado perto da porta, de camisa e calça, com uma vela pingando sobre seus dedos, e o rosto branco como a parede atrás dele. O primeiro ranger do carvalho sobressaltou-o como um choque elétrico; a vela saltou de sua mão a alguns metros de distância. Sua agitação era tão extrema que ele mal conseguiu pegá-la.

— Sou eu, seu hóspede, senhor — respondi alto, desejando poupá-lo da humilhação de expor ainda mais sua covardia. — Tive a infelicidade de gritar durante o sono devido a um pesadelo assustador. Desculpe-me por tê-lo incomodado.

— Por Deus, sr. Lockwood! Quem dera o senhor estivesse no... — começou meu anfitrião, deixando a vela em uma cadeira porque não conseguia segurá-la com firmeza. — E quem o trouxe para este quarto? — perguntou, enfiando as unhas nas palmas das mãos e rangendo os dentes para conter as convulsões maxilares. — Quem foi? Estou pensando em expulsar os dois desta casa agora mesmo!

— Foi sua criada, Zillah — respondi, pulando no chão e recolocando rapidamente minhas roupas. — Eu não me importaria se a expulsasse, sr. Heathcliff; ela merece. Suponho que ela quisesse obter, à minha custa, outra prova de que este lugar é mal-assombrado. Pois bem, está cheio de fantasmas e duendes! Você tem razão em mantê-lo trancado, eu lhe garanto. Ninguém vai agradecer por um cochilo nesta cova!

— O que está dizendo? — perguntou Heathcliff. — E o que você está fazendo? Deite-se e fique o restante da noite, já que está aqui. Mas, pelo amor de Deus, não repita esse barulho horrível. Nada poderia justificá-lo, a não ser que alguém estivesse cortando sua garganta!

— Se o pequeno demônio houvesse entrado pela janela, provavelmente teria me estrangulado! — respondi. — Não vou mais suportar as perseguições de seus hospitaleiros ancestrais. O reverendo Jabez Branderham não era seu parente por parte de mãe? E aquela atrevida, Catherine Linton, ou Earnshaw, ou fosse lá como se chamasse, deve ter sido trocada no berço. Uma alma perversa! Ela me disse que anda penando na terra há vinte anos: um castigo justo por suas transgressões mortais, não tenho dúvidas!

Eu mal havia pronunciado essas palavras, quando me lembrei da associação dos nomes de Heathcliff e Catherine no livro, detalhe que havia sumido completamente de minha memória devido à maneira como havia acordado. Corei diante de minha falta de consideração. Mas, sem demonstrar consciência da ofensa, apressei-me a acrescentar:

— A verdade, senhor, é que passei a primeira parte da noite...

Parei de novo. Estava prestes a dizer “folheando aqueles velhos livros”; e, assim, teria revelado o conhecimento de seu conteúdo manuscrito, bem como impresso. Então, corrigindo-me, prossegui:

— ... a repetir o nome riscado no parapeito da janela. Uma ocupação monótona, com o intuito de adormecer, como contar carneirinhos ou...

— Como pode falar assim comigo? — reclamou Heathcliff, com selvagem veemência. — Como... como ousa, debaixo de meu teto? Deus! Ele é louco por falar assim! — E bateu na própria testa com raiva.

Eu não sabia se ficava ressentido com essa linguagem ou se prosseguia com minha explicação, mas ele estava tão fortemente afetado que tive pena e passei a falar de meus sonhos. Disse a ele que jamais havia ouvido o nome de Catherine Linton antes; mas, por relê-lo muitas vezes, produziu em mim uma impressão que se personificou quando eu não tinha mais minha imaginação sob controle. Heathcliff foi gradualmente entrando no abrigo da cama, enquanto eu falava. Por fim, se sentou, quase escondido. Adivinhei, porém, por sua respiração irregular e incerta, que ele lutava para vencer um excesso de emoções violentas. Sem querer demonstrar que havia notado o conflito, prossegui com minha toaleta, ruidosamente, olhei para o relógio e comentei sobre a hora:

— Ainda não são nem três horas! Eu poderia jurar que eram seis. O tempo para aqui, sem dúvida. Nós devemos ter ido descansar às oito!

— Sempre às nove, no inverno, e acordo às quatro — disse meu anfitrião, reprimindo um gemido e, a julgar pelo movimento da sombra de seu braço, enxugando uma lágrima dos olhos. — Sr. Lockwood — acrescentou —, é melhor ir para o meu quarto. Você só vai atrapalhar descendo as escadas tão cedo. E seu grito infantil acabou com meu sono.

— Com o meu também — respondi. — Vou passear no quintal até o amanhecer e depois vou embora. Não precisa temer que eu volte. Já estou curado do vício de querer buscar prazer na companhia de outras pessoas, seja no campo ou na cidade. Um homem sensato deve encontrar companhia suficiente em si mesmo.

— Companhia deliciosa! — murmurou Heathcliff. — Pegue a vela e vá aonde quiser. Eu me juntarei a você. Mas não fique no quintal, os cães estão soltos. Nem na sala: Juno está de guarda lá, e... você só poderá andar pelas escadas e corredores. Mas, vá logo! Vou em dois minutos!

Obedeci, ansioso para sair daquele quarto. E então, ignorando para onde levavam os estreitos vestibulos, fiquei parado e testemunhei, involuntariamente, uma superstição de meu senhorio, que contradizia, estranhamente, seu aparente bom senso.

Ele subiu na cama e abriu a treliça. Enquanto a puxava, explodiu em lágrimas de paixão incontroláveis.

— Entre! Entre! — soluçava. — Venha, Cathy. Venha... Por favor, *mais uma vez!* Oh, minha querida, ouça-me desta vez. Catherine, finalmente!

O espectro mostrou o capricho comum da sua espécie: não deu sinal de vida. Mas a neve e o vento giravam descontroladamente, chegando até onde eu estava e apagando a luz.

Havia tanta angústia na dor que acompanhava aquele delírio, que minha compaixão me fez ignorar sua loucura e me afastei, meio zangado comigo mesmo por ter escutado, e envergonhado por ter relatado meu pesadelo ridículo, pois produziu tamanha agonia. Apesar de que o motivo estivesse além de minha compreensão. Desci cautelosamente e cheguei aos fundos da cozinha, onde um fogo compacto me permitiu reacender minha vela. Nada se movia, exceto um gato rajado, que saiu das cinzas e me saudou com um miado queixoso.

Dois bancos, formando um semicírculo cada, cercavam a lareira. Em um deles eu me estiquei e, no outro, subiu o gato Grimalkin. Estávamos cochilando quando alguém invadiu nosso retiro. Era Joseph arrastando os pés por uma escada de madeira que desaparecia em uma abertura no teto — a entrada do sótão, supus. Ele lançou um olhar sinistro à pequena chama que eu havia colocado entre as vigas, enxotou o gato e, ocupando o espaço vago, começou a encher um cachimbo de mais de sete centímetros com tabaco. Minha presença em seu santuário era evidentemente considerada um ato de insolência vergonhoso demais para qualquer observação. Calado, ele levou o tubo aos lábios, cruzou os braços e deu uma baforada. Deixei-o desfrutar desse luxo sem o incomodar. Depois de uma última tragada e um suspiro profundo, ele se levantou e partiu tão solenemente quanto havia chegado.

Alguém entrou a seguir com um passo mais elástico. Abri a boca para dar um “bom-dia”, mas a fechei de novo sem cumprimentar, pois Hareton Earnshaw estava realizando sua oração *sotto voce* — uma série de palavras dirigidas a cada objeto que tocava, enquanto vasculhava um canto em busca de uma pá para remover a neve.

Olhou para o banco, dilatando as narinas, e tampouco pensou em trocar gentilezas comigo quanto com meu companheiro, o gato. Imaginei, por seus preparativos, que era permitido sair e, deixando meu banco duro, fiz um movimento no sentido de segui-lo. Ele percebeu e bateu em uma porta interna com a ponta da pá, insinuando, por um som inarticulado, que ali era o lugar aonde eu deveria ir se resolvesse deixar o recinto.

A porta dava para a sala, onde as mulheres já estavam em pé. Zillah incitava brasas com um fole colossal que lançava faíscas chaminé acima; e a sra. Heathcliff, ajoelhada perto da lareira, lia um livro com a ajuda da luz das chamas. Mantinha a mão entre o calor da fornalha e os olhos, e parecia absorta, interrompendo-se apenas para repreender a criada por cobri-la de faíscas ou para afastar um cachorro, que, de vez em quando, queria colocar o focinho em seu rosto. Fiquei surpreso ao ver Heathcliff ali também. Ele estava perto do fogo, de costas para mim, terminando uma cena tempestuosa com a pobre Zillah, que de vez em quando interrompia seu trabalho para pegar a ponta de seu avental e soltar um gemido indignado.

— E você... Sua inútil — interrompeu ele quando entrei, voltando-se para a nora e usando um epíteto tão inofensivo quanto “pata” ou “ovelha”, mas geralmente representado por reticências. — Aí está você, com sua ociosidade de novo! Eles trabalham para ganhar o pão, mas você vive de minha caridade! Deixe esse lixo de lado e arrume algo para fazer. Você vai me pagar pela praga de tê-la eternamente diante de mim... Está ouvindo, maldição?

— Vou deixar este lixo de lado porque você pode me obrigar se eu recusar — respondeu a jovem, fechando o livro e jogando-o sobre uma cadeira. — Mas não vou fazer nada, mesmo que se canse de praguejar, exceto o que eu quiser!

Heathcliff ergueu a mão e ela recuou para uma distância mais segura, obviamente familiarizada com seu peso. Não tendo nenhum desejo de me entreter com um combate entre cão e gato, dei um passo à frente rapidamente, como se estivesse ansioso para compartilhar o calor da lareira e inocente de qualquer conhecimento acerca da disputa interrompida. Ambos tiveram decoro suficiente para suspender novas hostilidades. Heathcliff colocou os punhos nos bolsos para evitar a tentação; a sra. Heathcliff torceu o lábio e foi até uma cadeira distante, onde manteve sua palavra fazendo o papel de estátua durante o resto de minha estada, que não foi longa. Recusei o convite de acompanhá-los no desjejum e, ao primeiro clarão do amanhecer, aproveitei a oportunidade para sair ao ar livre, agora claro, parado e frio como gelo impalpável.

Antes que eu chegasse ao final do jardim, meu senhorio gritou para que eu parasse e se ofereceu para me acompanhar na travessia da charneca. Foi bom, pois a colina era um oceano branco e ondulante; as elevações e depressões não indicam os altos e baixos correspondentes no solo. Muitos poços haviam sido preenchidos até a boca, e montes inteiros, refugio das pedreiras, tinham desaparecido do mapa que minha caminhada do dia anterior deixara em minha mente. Eu havia notado, em um lado da estrada, a intervalos de cinco ou seis metros, uma fileira de pedras eretas, que percorria toda a extensão do terreno árido. Elas haviam sido erguidas e pintadas com cal para servir de guias no escuro, e também quando uma tempestade confundia as charnecas de ambos os lados com o caminho firme. Exceto por um ponto surgindo aqui e ali, todos os vestígios de sua existência haviam desaparecido. E meu

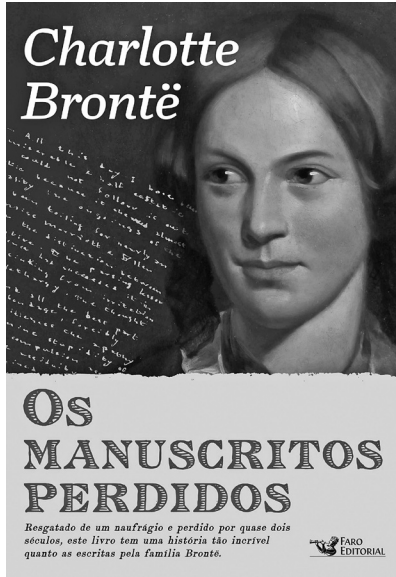
companheiro viu-se obrigado a me avisar para virar à direita ou à esquerda com frequência, quando eu imaginava estar seguindo corretamente as curvas da estrada.

Conversamos um pouco, e ele parou na entrada da Granja da Cruz dos Torcos, dizendo que não havia como eu errar dali em diante. Nosso adeus se limitou a uma mesura apressada, e então avancei, confiando em meus próprios recursos, pois o alojamento do zelador ainda estava desocupado. A distância do portão à Granja é de cerca de três quilômetros. Acho que consegui fazer o trajeto em quatro, pois me perdi entre as árvores e afundei na neve até o pescoço: uma situação que só quem já viveu entende. De qualquer maneira, com todos os desvios, o relógio batia doze horas quando entrei em casa. Foi quase uma hora e meia para cada quilômetro do caminho usual desde o Morro dos Ventos Uivantes.

Minha criada e seus satélites correram para me receber, exclamando, em tumulto, que haviam desistido de mim. Todos haviam presumido que eu havia morrido na noite anterior e se perguntavam como deveriam começar a busca por meus restos mortais. Pedi que se acalmassem, já que me viram de volta, e, entorpecido até o coração, arrastei-me escada acima. Depois de vestir roupas secas e andar de um lado para o outro por trinta ou quarenta minutos para restaurar o calor, fui para o meu escritório, fraco como um gatinho. Quase faltaram forças até mesmo para desfrutar do fogo reconfortante e do café fumegante que a criada havia preparado para mim.



LEIA TAMBÉM



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM JUNHO DE 2023